

Casos como o da menina contaminada com o HIV, no Hemocentro, poderiam ser evitados se os doadores não mentissem ao responder o questionário que lhes é aplicado. Testes mais precisos poderão ser adotados

Solidário, sim, porém responsável

JULIANA CÉZAR NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

P

ara doar sangue é preciso ser sincero. A falta dessa qualidade pode ter sido definitiva na vida de uma pequena brasiliense. Em 2001, aos 62 dias de vida, ela passou por uma cirurgia nas vias biliares. Nos dois meses de internação no Hospital Regional da Asa Sul (Hras), a recém-nascida recebeu 14 transfusões de sangue doado por 11 pessoas. Em maio deste ano, a menina — hoje com dois anos — passou por um exame preparatório para transplante de fígado. Os testes mostraram que ela está contaminada pelo HIV.

Novos exames mostraram que um dos 11 doadores possui o vírus da Aids. Provavelmente, ele foi infectado cerca de 22 dias antes da doação. Nesse período — conhecido como janela imunológica — o exame utilizado nos hemocentros públicos do país não é capaz de detectar a presença de anticorpos produzidos pelo organismo para se defender.

Por isso, quando vai ao hemocentro, o candidato a doação precisa ser sincero com o médico. O doador que omite ter mantido relações sexuais sem camisinha ou usado drogas injetáveis transforma-se em perigo ambulante para quem necessita de doação.

“A mentira coloca em risco a segurança dos pacientes em casos raros”, diz o chefe do serviço médico do Hemocentro de Brasília, Luciano Flores. O único

registro desse tipo de falha ocorreu em 2001 na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo.

O médico acredita que a contaminação no Hras fará a equipe de todos os hemocentros públicos do país redobrarem a atenção na hora da entrevista. Atualmente, cerca de 20% dos 150 candidatos que chegam ao Hemocentro de Brasília voltam para casa sem doar sangue. São interceptados na entrevista. Os 14 testes realizados em laboratório descartam mais 7% das doações. Da coleta à distribuição de sangue, tudo é feito dentro das normas de segurança, assegura o hemocentro.

Especialistas garantem, no entanto, que os riscos de contaminação por transfusão de sangue podem ser eliminados com a cons-

cientização dos doadores. Eles precisam saber, por exemplo, que devem procurar hospitais e centros de saúde caso suspeitem de alguma doença. Principalmente para a realização de testes de HIV. Assim como no Hemocentro, esses locais entregam o resultado com rapidez e segurança, de forma totalmente confidencial.

Só com camisinha

De mãos dadas com a namorada, o professor de Educação Física Alton Andrade, 30 anos, entrou na tarde de ontem no Hemocentro de Brasília para doar sangue. Não foi a primeira vez. Nos últimos meses, em três ocasiões Alton se dispôs a ajudar a salvar vidas. Ele sabe de sua responsabilidade. “Não sou casado, tenho

uma relação estável, mas só transso com camisinha”, diz o morador da Ceilândia. Alton garante que não doa sangue para se certificar do seu bom estado de saúde. “É por solidariedade mesmo.”

A gerente de Sangue da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Beatriz Macdowell, também aposta na responsabilidade do doador como forma de diminuir os riscos na transfusão de sangue. Ela coordena um grupo de estudos que, no próximo mês, decidirá se os hemocentros públicos do Brasil adotarão um novo tipo de teste de HIV.

À base de ácido nucleico, esse teste — conhecido como NAT — chegou ao Brasil há um ano. Ele detecta a presença do vírus 11 dias depois da contaminação. No en-

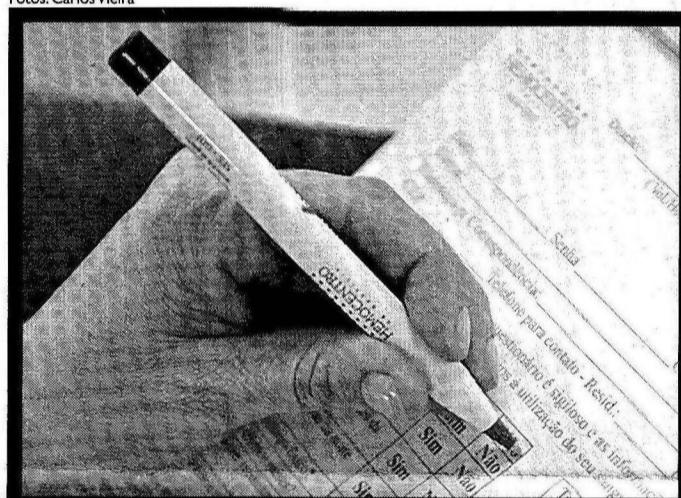
tanto, os técnicos da Anvisa estudam a eficácia e o custo do teste, duas vezes mais caros que o tradicional. Atualmente, o NAT é usado em mais da metade dos hospitais particulares de São Paulo.

O sangue do doador que pode ter contaminado a menina internada em 2001 no Hras foi enviado para a Fundação Oswaldo Cruz, que vem experimentando o novo teste. O resultado fica pronto na próxima semana. Mesmo assim, as chances da infecção ter ocorrido por causa da transfusão são enormes. Investigações do Ministério Público e Secretaria de Saúde darão o veredito final. Independentemente disso, o doador de sangue do DF recebeu uma lição esta semana. Não se brinca quando vidas estão em jogo.

O CAMINHO DO SANGUE //

Os doadores são submetidos a um questionário e, depois, há um meticoloso sistema de coleta, processamento e distribuição do sangue no Hemocentro de Brasília, na Asa Norte. Confira as principais etapas:

Fotos: Carlos Vieira



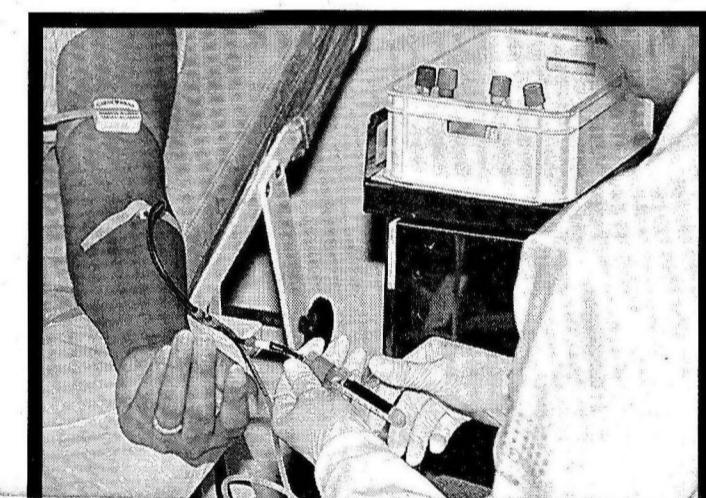
Conversa

O candidato a doador faz o cadastro pessoal e recebe um questionário. Logo depois, conversa com um médico, que o pesa e pede mais explicações sobre as informações fornecidas.



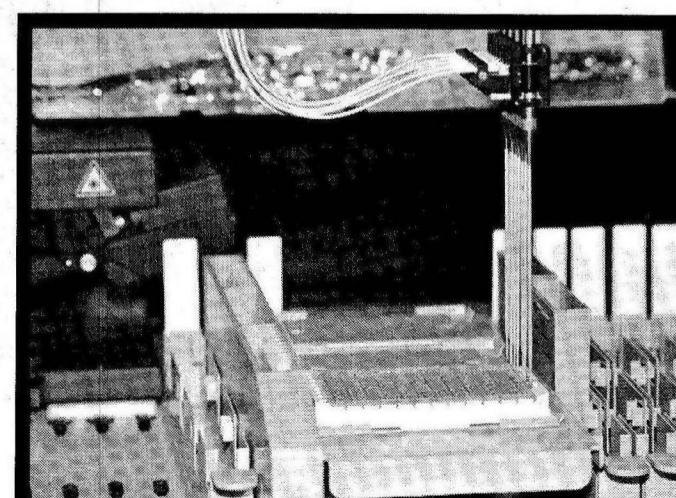
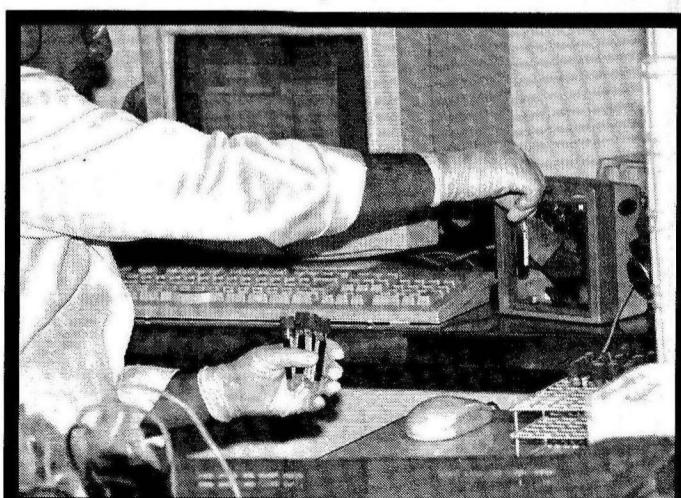
Lavagem

Se for aprovado na fase de entrevista, o doador é encaminhado para a sala de coleta de sangue. Lá, precisa lavar o braço com água e álcool.



Coleta

São feitas duas coletas: a primeira, segue para tubos que serão enviados ao laboratório. A outra, vai para a bolsa que será usada na transfusão.



Testes

No laboratório, os exames passam por uma bateria de 14 testes. Entre eles o de HIV, doença de Chagas, hepatite B e C. Se qualquer alteração for detectada, a doação é descartada.



Aprovação

Do laboratório, o sangue aprovado vai para o subsolo do prédio do Hemocentro, onde os seus principais componentes são separados em máquinas especiais. É nesse local que as viaturas dos hospitais buscam as doações liberadas.

Etiquetagem

Ainda na sala de doação, tubos e bolsas recebem etiquetas com um código. Antes de os tubos irem para o laboratório, eles são registrados em um computador. As bolsas só podem ser liberadas quando os exames indicarem que não há alteração.